

IMAGENS DA BELEZA NEGRA*

*Maria Aparecida de Oliveira Lopes***

Este texto é parte da nossa dissertação, que buscou analisar as representações e as práticas do embelezamento negro como vias de ascensão social. Utilizamos como fontes, basicamente, três jornais (*O Clarim d'Alvorada*, *Progresso* e *A Voz da Raça*), que foram os porta-vozes dos movimentos negros da cidade de São Paulo entre 1920 e 1940. Assim, procuramos evidenciar os espaços das manifestações sociais negras nos quais emergiram problemas com a aparência e a expressão do corpo. No processo de transformação urbana daquela época, enfocamos a permanência de antigas formas de caracterizar o corpo negro, a maneira pela qual os diversos escritores negros lidavam com tais modificações, bem como o começo do desenvolvimento de produtos e locais apropriados para o embelezamento do corpo negro.

Na dissertação, o enfoque dado ao movimento negro se desvinculou daquele projeto idealizador da construção de uma história das manifestações negras. O estudo objetivou analisar a relação que o negro estabelecia com a sociedade pela escolha de um tipo de padrão de beleza. Foi a adesão a certos modelos de cuidados com o corpo, em particular com o embelezamento e a ornamentação, que fomos delineando a resistência, a acomodação, a ascensão ou a adaptação do negro diante das barreiras e das exigências da sociedade. A forma como cada indivíduo se produzia contribuía para recriar a imagem que o outro (branco ou negro) construía sobre a etnia e a cultura negra.

Dentro dos recortes informativos corporais na imprensa negra, tivemos uma versão que veementemente anunciava a transformação do corpo negro, acreditando no branqueamento pelo uso dos produtos fabricados para tal fim. Todavia, os produtos divulgados foram fabricados tanto por negros quanto por brancos. Logo, sujeitos de outra raça também colaboraram na escolha dos modelos de beleza “apropriados” para os negros. Ou seja, a valorização de determinados padrões de beleza ligados ao ideal de branqueamento e suas

conseqüências envolveram um conjunto social diversificado. Além disso, ter uma aparência bela nem sempre dependia exclusivamente do branqueamento do corpo. Tal como era moda para as moças brancas da sociedade paulistana, ser bela, para as negras, incluía o uso de roupas e ornamentos considerados adequados aos estilos em voga, especialmente o francês e o inglês. Já a versão da resistência, que se contrapunha ao branqueamento, por entender que o corpo negro deveria rememorar e afirmar os traços africanos, divulgou técnicas e tratamentos corporais menos reforçadores da transformação dos traços ancestrais, estimulando os leitores a ter em mente os princípios básicos de preservação física, fazendo referência apenas à higiene, ao tratamento dentário, etc. Por vezes, encontramos as duas versões de embelezamento presentes num mesmo texto, anúncio, poesia ou crônica. Foi por meio das críticas às práticas e às representações de uma determinada versão de embelezamento, ou de um eloqüente discurso em torno de um único padrão de beleza, que captamos os limites e as infinitudes de cuidados com o corpo negro, bem como conhecemos os principais pontos de consonância e dissonância entre as duas versões de embelezamento.

O herói burlesco

José Carlos Silva registrou em seu texto os ditos do imaginário que se perpetuaram no tempo na sociedade paulistana – cada macaco no seu galho; preto que nem um carvão; negro não é gente; feder que nem negro; frango de macumba; tição; urubu – e entendeu que o insulto que associa negro ao animal tem a intenção de atingir elementos situados nos limites entre a natureza e a cultura. Portanto, insultar uma pessoa com as categorias de animais domésticos denota maior força simbólica, porque a coloca nesses limites, indicando que ela não pertence ao reino da cultura. Faltam-lhe atributos humanos para tal. A sua condição não é, portanto, muito diferente daquela ostentada pelos animais domésticos, incapazes de ingressar no mundo da civilização. “Os insultos lançados aos negros indicam a tentativa, numa sociedade plural, de colocar o negro em seu lugar, ou seja, próximo da natureza, posição que ocupava no período escravocrata, quando a sua condição social era melhor definida.”¹ Atento a esses insultos inferiorizantes, *O Clarim d’Alvorada* reclamou dos xingamentos dos filhos de italianos dirigidos aos corpos negros na região do Brás:

Então a gente era sempre espinhado se a gente passava sozinho em qualquer lugar: que tinha criança branca, nossa eles xingavam a gente. De negro fedido, escondido no mato, cabeça pra fora, parece macaco. Era comum isso a gente ouvir: E isso eu ouvi até velho.

*Em 1935, na guerra da Itália, que a Itália estava invadindo a Etiópia, nossa mãe, o que eu sofri naquela Brás. Aquela criançada, filhos de italiano, o que eles caçoavam de mim por ser negro e me chamavam de negro africano olha o negro africano era assim.*²

Nessa época, Nina Rodrigues já havia escrito que o negro é inferior ao branco, entre outros aspectos, por ter “uma massa encefálica” menos pesada e por carregar “um aparelho mastigatório” com “caracteres animalescos”.³ E, por mais paradoxal que possa parecer, o próprio autor respondeu, indiretamente, o quanto esta associação entre o homem e o animal, para a cultura africana, não tem uma conotação ofensiva. Assim, sublinhou, ao se referir à religião: “o crocodilo é um animal sagrado para muitos povos africanos, chegando mesmo a ser adotado em alguns pontos da África”.⁴ Logo, tais satirizações corporais não deveriam ofender a comunidade negra se esta associação fosse valorizadora na cultura africana.

Borges Pereira, historicizando o universo radiofônico e a inexpressiva inserção da população negra em emissoras, disse mais sobre a maneira como um grupo da sociedade lidava com o negro quando ele não dispensava o mínimo cuidado ao corpo. Durante as primeiras décadas do século, a figura negra serviu de chacota: “O calouro em si desajeitado e inibido, quase sempre mal trajado e, às vezes, até mesmo maltrapilho, transformava-se em atração para o ouvinte, e por isto mesmo” passou “a ser componente programático obrigatório em todas as estações”. Na construção deste personagem, o pesquisador considerou que a imaginação do autor do *script* tentou retratar o “herói-burlesco” como o tipo particular do mundo de negros. “Lá naquele ambiente – esboçado sugestivamente pela imagem ou apenas sugerido pela narrativa – os padrões de conduta” sofreram “estranhas combinações, compondo um estilo de vida que, embora romantizado”, era “inteiramente desabonador ao homem de cor elaborado, partindo da visão depreciativa que se” fazia “comumente da vida diária do negro. A estilização desse negro” era “feita à base de estereótipos impregnados de alusão à estética: feio, macaco, tição; ou ligados à sua descaracterização social e sua frouxidão de costumes: malandro, rufião, delinqüente, maloqueiro, amasiado, bêbado, vagabundo, mandingueiro, pernóstico, servil...”. O mesmo autor nos revelou ter surgido dessas generalizações populares, que procuravam identificar características “negróides” e traços “simiescos”, a expressão “macaca de auditório” (principal elo entre o negro e o animal), em vista da presença barulhenta das mulheres negras nos auditórios radiofônicos.⁵

No momento histórico, entre os anos 20 e 40, a comunidade “jornalística” esteve observando a maneira adversa como os negros andavam se comportando, se apresentando, que parecia em nada condizer com o programado pelos jornais, com as notas recomendativas corporais. E essas imagens adversas enfocadas pelos jornais (corpo esfarrapado,

doente, prostituído, alcoolizado) eram aproveitadas ainda pela sociedade mais ampla no processo de construção e reafirmação dos estereótipos em torno da figura negra. Dos homens, das mulheres, das crianças e dos velhos que perambulavam pelas ruas, festas e associações, os líderes negros emitiram opiniões, tanto sobre o estilo de ornamentação pessoal quanto sobre a falta de cuidado com o corpo, cumprindo exatamente uma função policalesca:

Um dever. Hoje, infelizmente, ainda se vêem passar, pelos arredores, mesmo no coração da cidade, muitos patricios que são escravos, não daquelles senhores carrascos, mas dos vícios que os tornam incapazes para tudo: principalmente ao trabalho, que é a base essencial da nossa vida material. Merecem compaixão, causam-nos dó! Quais os motivos que os obrigam a andar maltrapilhos, cobertos de chagas nos bancos públicos e sendo muitas vezes pensionistas de polícia? E porque se deixaram dominar pelos vícios. Pela embriaguez, constantemente, vemos chefes de família abandonarem seus lares; jovens que poderiam gozar uma velhice feliz, hoje, porém, como andam!... tornando-nos inúteis à Pátria (...).⁶

Moyses Cintra

Depois de progredir na leitura dos textos referentes aos modos de tratamento corporal, ficamos com a impressão de que essa preocupação para com os esfarrapados e os pobres da cidade não passou do nível verbal de reclamação, pois era flagrante a inexistência de qualquer medida dirigida ao tratamento desses corpos. Os salões de embelezamento, os locais de assistência médica e as caixas beneficentes, criados pelas associações negras, eram de uso dos associados e não estavam dispostos a atender qualquer freguesia, principalmente a freguesia vinda da rua ou que contrariava as regras de comportamento da comunidade negra associada. Captamos, pelas falas dos militantes, que nem todos tinham condições de imprimir em seus corpos o mínimo de tratamento, limpeza e ornamentação idealizados por médicos, engenheiros e escritores dos jornais da época. Será que todos os negros da cidade tinham, pelo menos, água encanada para tratar de seus corpos? Os militantes queixavam-se sobre isto ao poder público?

Em resposta aos xingamentos, aos padrões de embelezamento e à situação da época, os negros buscaram ser figuras agradáveis para si e para os outros. Era como se a resistência e a dominação negra ficassem expressas nas várias propostas de exposição do corpo emitidas pelos jornais – propostas de embelezamento ligadas ao branqueamento da pele, ao uso de vestimentas da moda, novas e limpas, às maneiras de se comportar em público e nas reuniões familiares e associativas, etc.

O corpo negro: cabelo e pele

A partir do século XX, os indivíduos conquistaram uma maior liberdade de modificar seus corpos. Houve um crescimento das técnicas e dos produtos de transformação corporal, e isso atingiu não apenas o corpo negro: seios e nádegas siliconados, plástica rejuvenecedora, cabelos artificiais, ginásticas diárias, “cuidados com a alimentação”, uso de remédios emagrecedores... a lista é ampla e diversificada, atingindo o corpo de várias etnias, classes sociais e ambos os sexos.

O francês Bonniol, ao analisar as variações, marcas e metamorfoses da beleza e da cor da pele, escreveu que a valorização imperiosa da branquidão quase sempre está sob o efeito de uma dominação histórica, imposição difícil de se libertar, seja na escrita, seja na expressão gestual do corpo. Direcionando mais o fenômeno da metamorfose para o corpo do *pop-star* Michael Jackson, ele entendeu que a recusa corporal tenha, talvez, muito a ver com a recusa das origens, mas certamente vai além. É a expressão dos “casos limites”, em que o clareamento do rosto e o rigoroso alisamento do cabelo acompanham uma transformação sistemática, pelos recursos das cirurgias e uso de produtos químicos. O cantor não pode tornar-se branco, “projeta-se uma aparência improvável, cujo lado mutante foi sublinhado. Os signos distintivos da racialidade” se apagam, e o que se percebe é o efêmero, baseado na idéia de que todo o dia se renova estilisticamente a moda na sociedade contemporânea.⁷

Durante as décadas de 1920 e 1930, a liberdade de modificar o corpo em nome da beleza não era ainda bem-aceita pela imprensa. A possibilidade de mudança era limitada aos cosméticos, mas a pele e o cabelo ascenderam à condição de nobreza nas discussões dos escritores preocupados em recomendar o cuidado das aparências negras. Houve, por exemplo, um investimento propagandístico grandioso para tornar o cabelo e a pele apresentáveis socialmente. Mais recentemente, houve um investimento publicitário em torno da boca e do nariz da figura do negro. No entanto, entre os anos 20 e 30, a exigência dos cabelos lisos era constante em reportagens e anúncios publicitários. Por conseguinte, técnicas e produtos apropriados para se conseguir um cabelo menos crespo e menos volumoso conquistaram forma e valor. Vendedores, salões e alisadeiras, que se autodenominavam modernos no ramo, veiculavam a pasta e o pente quente como métodos mais seguros para alisar o cabelo e adquirir, após o alisamento, outros cortes em voga pelo mundo afora, ou mais especificamente os penteados franceses. Apareceram poucos anúncios de produtos capazes de diminuir a queda dos cabelos, pois quem oferecia esse tipo de serviço moderno, infalível, rápido e barato, acreditava e anunciava não estar causando nenhum dano ao cabelo do freguês. Enquanto os anúncios de alisamento repetiam-se e multiplicavam-se, os

produtos para reparar os danos sofridos ao couro cabeludo raras vezes apareceram (com exceção do Dulcibir e da Bela Cor), assim como também foi inexpressiva a veiculação de anúncios de alisamento que se contrapusessem aos métodos modernos. Entre os produtos considerados modernos, o que monopolizou as páginas da imprensa foi o “Cabelisador” (pasta e pente), que ocupou vários espaços nos jornais *A Voz da Raça* e *O Clarim d’Alvorada*. Neste último, o anúncio do “Cabelisador” ocupou mais de duas páginas para explicar sobre os seus efeitos, o modo de usar e a promoção de venda.

No Instituto Dulce e no Salão Brasil, os cabeleireiros já se autodenominavam especialistas em cabelos de pessoas de “cor preta”. Por “especialidade em cabelos de pessoas de cor preta”, pode-se entender a diversidade de cortes e penteados oferecidos, isto é, além da onda do alisamento, o freguês poderia, também, optar por uma ondulação, escolher qualquer corte em voga ou inventar um corte e penteado para os seus cabelos (Salão Sol). O que não aparece na veiculação da propaganda é a palavra trançamento. Outra indistinção no atendimento dos salões diz respeito ao sexo do freguês: para homens e mulheres, basicamente, ofereciam-se os mesmos tipos de serviço. Apenas o Instituto Dulce não atendia pessoas do sexo masculino, nem indivíduos desvinculados das associações. Isto quer dizer que atendia mulheres de qualquer idade, desde que fosse comprovado serem elas “de família” (a palavra senhora nos anúncios tem uma conotação de “respeito”).

Os jornais funcionavam, assim, como uma espécie de conto publicitário difusor de valores e ideais de beleza fundamental no período estudado. Para ser elegante e moderna, a mulher negra deveria apresentar-se não só de cabelos lisos, mas de cabelos compridos. Aderindo a esse cuidado com a carapinha, a mulher passava a ser considerada bonita. De acordo com a propaganda, o ideal de cabelo da época era criterioso: se a mulher não poderia nem mesmo se exibir de cabelo liso e curto, o homem também não poderia apresentar-se de cabelo liso e comprido. Percebe-se aqui uma íntima associação entre cabelo liso e elegância moderna. Esta associação não poderia deixar de fomentar uma intolerância maior diante dos demais cabelos crespos, comuns entre mulheres e homens negros.

Uma invenção maravilhosa!... O cabelisador. Alisa o cabelo mais crespo sem dor. Uma causa que até agora parecia impossível e que constituía o sonho dourado de milhares e milhares de pessoas, já é hoje uma realidade irrefutável. Quem teria jamais imaginado que seria possível alisar o cabelo por mais crespo que fosse, tornando-o comprido e sedoso? Graças à maravilhosa invenção do nosso “CABELISADOR”, consegue-se um conjunto de “Pastas Mágicas”, alisa-se todo e qualquer cabelo, por mais crespo que seja. Com o uso deste maravilhoso instrumento, os cabelos não só ficam infallivelmente lisos, mas também compridos. Quem não prefere ter uma cabeleira lisa, sedosa e bonita em vez de cabelos curtos e crespos? Qual é a pessoa que não quer ser elegante e moderna?²⁸

Além do investimento na mudança de cabelo, houve, no entanto, também uma forte preocupação com a cor da pele. A presença da moda,⁹ sobretudo a européia, argumentou veementemente em favor do processo de adesão ao branqueamento. No tocante ao clareamento da pele, os indícios foram surgindo na transmissão dos anúncios de vários produtos, pois, ao mesmo tempo em que serviam para apagar rugas, manchas, cravos e espinhas, clareavam. O uso excessivo do pó-de-arroz para as mulheres negras parece ter sido a maneira comum de branquear a pele. Nos dias de festa, como anotou Zé da Esquina (pseudônimo de um escritor de *O Clarim d'Alvorada*), elas abusavam do uso dos apetrechos contribuidores da formação de uma aparência branca até a chegada do líquido “Milagre” no mercado dos cosméticos, que foi desenvolvido pelos alemães:

Tendo espinha, cravos, toda e qualquer mancha de pelle use creme Leir.¹⁰

Atenção, milagre!... Outra grande descoberta deste século é o creme líquido milagre – dispensa o pó de arroz... Formula Científica Allemã para o tratamento da pelle usando uma vez usa sempre. Para combater as sardas, pannos espinhas e rugas. Clarea e amacia a cútis. Preço de cada vidro para propaganda (?). Pedidos e demonstrações, grátis nesta redacção. Para tel-a mais 3\$000 para o porte.¹¹

Desde as primeiras leituras sobre a imprensa negra ficamos com a impressão de ter visto um anúncio sobre uma pomada branqueadora da pele. Quase finalizando a leitura dos jornais, chegamos, enfim, à reportagem. Nela, o que encontramos foi uma crítica ao progresso dos corpos *chics* e menos luxuosos dos norte-americanos que utilizavam a tal *Bleach*, fabricada pelos franceses. Tal uso maculava os “princípios e as finalidades da Raça”, idealizados pelos “líderes de ébano” brasileiros. Tornar-se-ia verdadeiramente um momento de contestação ao produto se o texto não se manifestasse a favor do ato que impedia a quebra dos pentes quando os negros iam escovar as suas carapinhas.¹²

Nas páginas da imprensa negra, nem todos concordavam com o branqueamento do corpo, seja para conservar os traços concedidos por Deus, seja para rememorar as características físicas dos antepassados africanos, marcados pela salubridade e pela fortaleza.¹³

Além disso, o culto à conservação e à afirmação do corpo não se restringia às técnicas e aos métodos dos institutos embelezadores nem era recomendado apenas para os dias de festa. O cuidado com o corpo era um trabalho a ser realizado no dia-a-dia, principalmente depois de meados dos anos 30. A beleza negra, além de ser um dom dado por Deus, tornava-se o resultado de um trabalho constante.

Negros. Ide a África observar as raças e cores que bellos tipos. O que nos falta? **O cultivo da beleza.** Pois, não tem os brancos, apesar de se considerarem os mais lindos, os seus institutos de beleza? Pois criemos os nossos como fizeram os negros da América do Norte.¹⁴

Segundo textos como este, para propagar os belos tipos esculturais era preciso que a comunidade negra criasse o seu próprio instituto de beleza, espaço que deveria ser marcado pela afirmação de um tipo de beleza. Além do mais, em torno do enfoque ao endeusamento do corpo naturalmente negro sugeriu-se que o branco poderia se assemelhar à beleza negra desde que, pelo menos, adquirisse um pouco do bronzeamento solar ou desfrutasse dos cremes amorenadores da pele.

Mesmo admitindo que o negro não deveria ser considerado inferior ao branco, o autor do texto anterior o associa a um “acidente da carne”. Dificilmente os artigos conseguiam escapar completamente aos estereótipos, e divulgavam receitas e produtos que se contrapunham aos métodos considerados modernos de embelezamento. Ou ainda podemos interpretar a expressão “acidente da carne” no sentido de acaso, de não ser essencial, como se o que contribuísse para a valorização do homem fosse a sua moral e o seu caráter.

Observamos que a versão favorável à transformação física apareceu mais em forma de anúncios, de propagandas, enquanto a rememoradora e afirmadora dos traços africanos evidenciou-se principalmente nos textos e na literatura dos militantes da imprensa negra. Ao mesmo tempo, quando a intenção era branquear, a ênfase das frases tornou-se mais evidente, enquanto a tendência de rememorar os traços negros apareceu em tom meio dúbio.

Recebido em julho/2002; aprovado em agosto/2002

Notas

* Texto parcial da nossa dissertação de mestrado intitulada *Beleza e ascensão social na imprensa negra paulistana, 1920-1940*, orientada pela Profa. Doutora Denise Bernuzzi de Sant'Anna.

** Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação da PUC-SP.

¹ SILVA, J. C. G. da. *Os sub urbanos e a outra face da cidade. Negros em São Paulo (1900-1930): cotidiano, lazer e cidadania*. Campinas, Dissertação de Mestrado, Unicamp, 1990, p. 43.

² *O Clarim d'Alvorada*, São Paulo, p. 4, 15 jan. 1927.

³ Freyre escreveu que “nem merece contradita séria a superstição de ser o negro, pelos seus caracteres somáticos, o tipo de raça mais próxima da incerta forma ancestral do homem, cuja anatomia se supõe semelhante a do chimpanzé”. Tal superstição se baseia “no julgamento desfavorável que se faz da capacidade mental do negro”. Entretanto “os lábios dos macacos são finos como na raça branca e não na preta”, e, “entre as raças humanas, são os europeus e os australianos os mais peludos de corpo e não os negros”. FREYRE, G. de M. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959, p. 296.

⁴ RODRIGUES, R. N. *Os africanos no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976, pp. 153-169.

⁵ BORGES PEREIRA, J. B. *Cor, profissão e mobilidade: o negro no rádio de São Paulo*. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1967, pp. 130-155.

⁶ *O Clarim d'Alvorada*, São Paulo, p. 3, 2 mar. 1924.

⁷ BONNIOL, J. L. "Beauté et couleur de la peau: variations, marques et métamorphoses". *Communications, Beauté, Laideur*. Paris, p. 201, 1995.

⁸ *O Clarim d'Alvorada*, São Paulo, p. 3, mar. 1935.

⁹ "A moda é menos signo das ambições de classe do que a saída do mundo da tradição, é um desses espelhos onde se torna visível aquilo que faz o nosso destino histórico mais singular: a negação do poder imemorial do passado tradicional, a febre moderna das novidades, a celebração do presente social." Sobre o assunto moda, ver LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p.10.

¹⁰ *Progresso*, São Paulo, p. 2, 20 jul. 1931.

¹¹ *O Clarim d'Alvorada*, São Paulo, p. 2, 20 jul. 1931.

¹² *Progresso inútil. A Voz da Raça*, São Paulo, p. 4, maio 1937.

¹³ La garçonne (Dedicado às moças de cor de São Paulo). *O Clarim d'Alvorada*, São Paulo, p. 3, 15 nov. 1925.

¹⁴ *O Clarim d'Alvorada*, São Paulo, p. 3, 15 nov. 1925.